

## FRONTEIRA, INTERCULTURALIDADE E DIALOGISMO

**Roberto Filizola - Universidade Federal do Paraná**

*robertofilizola@ufpr.br*

**Beatriz Helena Furlanetto - Universidade Estadual do Paraná**

*bia@sulbbs.com.br*

### RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão, ainda que em estágio preliminar, acerca de fronteira e interculturalidade na região transfronteiriça de Guajará-Mirim-Guayaramerin, entre o estado de Rondônia e o Departamento de Beni, na vizinha Bolívia. Evitando a descrição do conceito moderno ou o pós-moderno de fronteira, a análise reflexiva encontrou apoio no fenômeno transfronteiriço para reconhecer a interculturalidade como passagem de fronteira. Esse fato foi reafirmado a partir da análise das falas de jovens estudantes guajaramirenses a respeito de fronteira, realizada na perspectiva dialógica.

**Palavras-chave:** Fronteira. interculturalidade. hibridismo cultural. movimento transfronteiriço. cultura e identidade.

### INTRODUÇÃO

Guajará-Mirim situa-se na porção norte ocidental do estado de Rondônia, onde estabelece fronteira internacional com a Bolívia. Suas raízes históricas, seu processo de formação territorial guardam relação direta com o projeto geopolítico expansionista português. Seu povoamento, por outro lado, apresenta uma estreita relação com a exploração da castanha do Brasil e da extração do látex, assim como a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Esses eventos fizeram da região o destino de um sem-número de imigrantes provenientes da própria Amazônia, outros tantos do Nordeste. A conclusão das obras, e também as precárias condições de sua execução, resultaram no regresso de um contingente significativo de trabalhadores, muitos dos quais de origem estrangeira. Mas isso não significa dizer que o movimento migratório não tenha resultado em nada. Ao contrário, estrangeiros, como os sírio-libaneses e os gregos fixaram-se no município. Nortistas e nordestinos também prosseguiram fluindo para a região. Migrantes

originários da Bolívia ou do Centro-Sul do país igualmente fizeram de Guajará-Mirim seu destino. Não podem deixar de ser citados os povos indígenas que desde sempre habitaram as suas terras. Portanto, Guajará-Mirim é um encontro de culturas muito significativo, embora sua posição limdeira não de visibilidade ao fenômeno, em escalas outras que não a local.

Isso exposto, quer parecer que a mobilidade migratória promove, a um só tempo, encontros entre culturas, confluências de tempos e discursos. Hibridismos culturais daí resultam, portanto, sendo aqui concebidos como forças criativas, portas para um novo mundo. A cultura, assim, se reveste à maneira de um jogo de poder (Hall, 2011. Bhabha, 2010). Nesse contexto de interculturalidade, a fronteira não é fixa. Mais do que isso, a fronteira, ou melhor, as fronteiras encontram-se em movimento, uma vez que a cultura nas suas mais variadas expressões se dá na sua relação com expressões situadas alhures. Não há relação de cultura com um território exclusivo. Se as fronteiras podem estar em qualquer parte, as culturas são de fronteira. Sendo assim, a fronteira na perspectiva cultural, ao contrário da clássica perspectiva geopolítica, não se situa na periferia. É ela, centro, centralidade (Canclini, 2000. Guigou, 2004).

Em decorrência dessa perspectiva, os encontros interculturais podem ser tomados como passagens de fronteiras. Contudo, e considerando o momento presente, de domínio e imposição de certa globalização, as fronteiras culturais necessitam ser tomadas não apenas em uma visão horizontal, plana, entre lugares. Necessita, sim, ser concebida a partir de uma visão vertical, até porque as fronteiras civilizatórias atravessam as culturas nacionais, continentais, geopolíticas (Augustin, 2008). Ou seja, uma multiescalaridade necessita ser mobilizada nas análises interculturais, incorporando-se aos movimentos transfronteiriços.

Foi com base nesses elementos teóricos e também empíricos, que os depoimentos de um grupo de jovens guajaramirenses acerca do seu entendimento sobre fronteira, estão sendo pensados no presente trabalho. Destarte, as ideias de Bhabha e Hall sobre hibridismo, sem deixar de recorrer a Canclini, estão subsidiando a interpretação das falas dos jovens. Com a mesma finalidade, e alimentando a perspectiva discursiva, agrega-se aos referidos autores alguns fundamentos bakhtinianos. Com isso, pode-se verificar que as vozes do grupo de estudantes do

Colégio Estadual Simón Bolívar fazem ressoar ideias e valores a respeito do outro e que circulam pela fronteira, revelando que a interculturalidade se mostra cristalizada e presente onde um rio e as forças de controle estatal tentam barrar os encontros e desencontros de tradições perenizadas, e reconvertidas pela dinâmica socioespacial em cultura, em múltiplas culturas, em interculturalidade.

### **Um pouco de sua paisagem**

Guajará-Mirim situa-se à margem direita do Rio Mamoré, no estado de Rondônia. Cidade de ares provincianos, guarda em sua memória histórias que insistem, resistem para não serem apagadas. Era a última estação da ferrovia Madeira-Mamoré. Seus trilhos ainda permanecem visíveis em diversos pontos, semi cobertos, assentados paralelamente ao rio. A estação de *primeira classe*, que recentemente passou por um trabalho de revitalização, encontra-se colada a uma pequena praça que a separa do porto de diminutas dimensões. Dele se observa um vai e vem permanente de pessoas que cruzam o rio em pequenas embarcações, por meio de um serviço explorado por duas empresas, uma nacional e outra boliviana.

A presença do Estado brasileiro se faz presente na região portuária, materializada nas instalações da Funai, da Receita Federal, do Ministério da Agricultura... Num prédio térreo, de aproximadamente 100 m<sup>2</sup>, opera a aduana, que desde o primeiro semestre de 2011 dispõe de equipamento de raio-X para checar as bagagens dos que adentram o território nacional, igualmente obrigados a declarar bens adquiridos na Bolívia.

Embora sedie uma Área de Livre Comércio<sup>1</sup>, funcionando sob administração direta da Suframa e segundo os mesmos critérios da Zona Franca de Manaus, a região portuária ainda guarda uma paisagem de abandono, ao modo de uma cidade fantasma. Nela persistem enormes armazéns das antigas empresas ligadas ao comércio exterior. Um patrimônio que, embora decadente, não deixa de registrar a memória de um período de poder e riqueza.

Contrastando com esse aparato tecnológico e o controle exercido sobre o

---

<sup>1</sup> A Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim foi idealizada durante o ano de 1988. Seu projeto (Lei Nº 8210 de 19/07/91) foi acolhido em 1991 pelo governo federal e sua regulamentação decretada em 1993 (Decreto Nº 843 de 23/06/1993).

movimento de pessoas, a exportação de mercadorias brasileiras se dá sem qualquer automação. Longas e estreitas pranchas de madeira, estendidas sobre as barrancas do rio e apoiadas nos barcos, fazem o papel de esteiras. Por sobre elas deslizam em maior número alimentos e material de construção, nelas posicionados com o auxílio de trabalhadores braçais à imagem dos estivadores do Porto de Santos, embarcando café no primeiro quartel do século XX.

Curiosamente, esse estado de coisa se estende por boa parte da cidade, mesmo que sem continuidade espacial. Da mesma maneira que o antigo prédio do Cine Melhem ainda preserva em sua fachada o luminoso afixado verticalmente, sem se deixar converter em um espaço de manifestação religiosa, em áreas um pouco mais afastadas subsistem, em desuso, pequenas e antigas vilas. Não há restauro, não há remendo, sequer há raspagem das paredes, conforme Ruskin (2008). Tudo permanece ao léu, exposto aos efeitos do tempo. Uma temporalidade que se mostra congelada, inerte. Edificações que resistem, insistem, persistem como que a expressar a esperança do retorno de um tempo de glórias, da reestruturação de um espaço de triunfo, capazes de lhes restituir a forma, a função, o poder.

### **Da fronteira geopolítica à fronteira cultural**

A delimitação do trecho da fronteira Brasil-Bolívia, na região onde se encontra localizado o município de Guajará-Mirim, foi estabelecida pelo Tratado de Ayacucho, de 1867. Os trabalhos demarcatórios foram encabeçados por duas comissões mistas, a primeira em 1870/71, e a segunda em 1875 (Krukoski, 2008). Embora a delimitação e a demarcação tenham ocorrido em tempo relativamente recente, não custa lembrar que a zona de fronteira em questão é fruto também do Tratado de Madrid (1750), ou seja, guarda relação com a política expansionista da Coroa Portuguesa.

Em 1776, no contexto da defesa do território luso-brasileiro baseada na instalação de fortes e fortalezas militares, o Forte Príncipe da Beira foi edificado na fronteira do atual estado de Rondônia com o território da atual Bolívia. Ainda nessa perspectiva de fronteira com viés estatal, Guajará-Mirim se insere nas chamadas “áreas fronteiriças de intercâmbio internacional” (Mattos, 1990). Sendo assim, a cidade rondoniense estabelece ponto de contato e intercâmbio fronteiriço com a

vizinha boliviana Guayaramerin, junto à linha de limite.

Uma história "vista de cima" da fronteira Brasil-Bolívia é também um recorte dos projetos geopolíticos português e brasileiro, que se estende para além do Tratado de Madrid. Trata-se de um conjunto de manobras estratégicas que contempla, afora a edificação de fortes militares, a instalação de ferrovias. A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, por exemplo, é uma decorrência, mesmo que indireta, dos efeitos da Guerra do Paraguai (1865-1870) sobre o Brasil. Afinal, com o fim dos embates e o conseqüente esvaziamento do poder paraguaio, a região que hoje é formada pelos estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul tornava-se uma área suscetível à influência de Buenos Aires, melhor dizendo, a Bacia do Prata passava a ser controlada geopoliticamente pela Argentina (Castro, 1981). A implantação da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, iniciada nos anos de 1920, foi outra manobra, desta vez com o objetivo explícito de capturar a Bolívia para a área de influência geopolítica brasileira (Magnoli, 1988; Castro, 1981).

A despeito disso, a presença do Estado brasileiro na região é, pode-se dizer, ostensiva, embora aparentemente silenciosa. Se na aduana observa-se tão somente a presença civil de funcionários da Receita e da Polícia Federal, em diversos pontos do espaço urbano guajaramirense são encontradas instalações militares das três armas. A zona de fronteira se reveste, assim, com as feições de uma paisagem militarizada. Em contrapartida, do lado boliviano, observa-se apenas uma instalação, da Armada Boliviana, o correspondente à Marinha de Guerra, muito embora o país não possua saída para o mar.

Nesse contexto, manutenção e controle da fronteira são papéis desempenhados por ambos os governos, embora reine uma assimetria de poder em relação ao fato. A entrada em território boliviano é franca, sem quaisquer necessidade de preenchimento de formulários e revista de bagagens, inversamente do que se verifica no lado brasileiro, como citado anteriormente. Aliás, não é difícil defrontar-se com cenas de certa arbitrariedade da parte dos fiscais brasileiros, seja no trato com os cidadãos bolivianos ou com os próprios brasileiros<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Percebeu-se em algumas ocasiões em que foi realizada a travessia do Rio Mamoré, que os fiscais da Receita Federal quando percebiam que o transeunte transportava algo "suspeito", o conduziam com certa "aspereza" para um recinto, onde, ao que se pode supor, seria submetido a uma medida para esclarecimentos. Em certa ocasião, quando do trabalho de campo, um fiscal solicitou que a bagagem do

---

REVISTA GEONORTE, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.1071-1089, 2013. (ISSN – 2237-1419) 1075

Uma história da fronteira guajaramirense, vista de baixo, encontra-se sendo escrita, não há como negar. Pessoas e instituições estão envolvidas nesse processo. É certo, também, que as formas de expressá-la ainda carecem de maior visibilidade. Afora isso, algumas questões necessitam ser contempladas. Como conceber essa fronteira? Qual a perspectiva para empreender sua leitura criticamente? De onde falam, que olhar lançam as pessoas quando se pronunciam a seu respeito?

Tais questionamentos adquirem ainda mais relevância ao se considerar que a compressão do espaço e a aceleração do tempo repercutem nos fluxos migratórios e turísticos transnacionais, interferem na circulação global de mercadorias e informações. Mesmo porque, a ideia de aldeia global, de que o encurtamento das distâncias aproxima e proporciona o compartilhamento de hábitos e costumes, pode gerar desorientação.

Eventos tomados como consagrados reclamam releituras, descrições que não apaguem as diferenças, tampouco impeçam as mudanças. Nesse contexto, a fronteira necessita ser “remarcada”, carece de uma nova “demarcação”, ser reinscrita no espaço por uma Geografia efetivamente humana, cultural.

Se nos princípios do século XX a Geografia era tida como uma ciência que se voltava para o estudo de paisagens e regiões, situando-se no âmbito da natureza e das humanidades, a partir da década de 1960, numa perspectiva humanista-cultural, passou a refletir sobre os sentidos que os grupos humanos atribuem ao espaço, ao espaço geográfico. Isso significa apreender não só o papel que o espaço exerce na vida das pessoas como os usos que a sociedade dele faz.

Situando-se no seio das ciências humanas, a Geografia Sociocultural (Raibaud, 2011) busca caminhos que conduzam ao entendimento de como homens e mulheres se compreendem e constroem significações nas suas relações com o espaço. É nesse contexto que a paisagem pode exprimir o sentido e o significado que indivíduos e sociedades dão às suas vivências socioespaciais.

Por outro lado, Néstor Garcia Canclini ilumina esses problemas através de uma proposição que tenta conciliar as contradições de duas concepções de fronteira

---

pesquisador fosse aberta e sem mais pôs-se a abrir duas embalagens tidas como "duvidosas", quando o procedimento manda que o seu proprietário realize essa operação.

reinantes na contemporaneidade. De um lado, a perspectiva moderna, dura, de fronteira como zona sob controle do Estado, elemento de separação e distinção; de outro, a perspectiva pós-moderna, para não dizer neoliberal, em que a zona fronteira é descrita não como algo que divide, mas dotada de permeabilidade e, portanto, favorecedora ou promotora da interculturalidade (Canclini, 2000). Uma vez que o autor alerta para a coexistência de segregação e porosidade nas fronteiras por ele estudadas, desautoriza “optar por uma destas linhas interpretativas” (idem, idem). Embora seu lugar de fala seja a fronteira Tijuana-San Diego, entre o México e os EUA, em boa medida suas reflexões se apoiam no fenômeno transfronteiriço, fenômeno que “ocorre em uma área geograficamente restrita e se refere a atividades levadas a cabo por pessoas, comunidades e instituições que têm origem e destino local” (Ruiz, 2010). Nessa perspectiva, há um ir e vir na fronteira Guajará-Mirim - Guayaramerin que se insere nesse conceito. De fato, em razão de serem “economias estruturalmente diferentes”, um número não desprezível de bolivianos adentra o território brasileiro, numa alusão direta “ao processo de sobrevivência da região, o que se entende por reprodução social”. Ademais, essas pessoas encontram semelhanças culturais em Guajará-Mirim, mesmo porque existem inúmeras famílias bolivianas residindo na cidade (idem, idem). É na observação desses trânsitos, na maneira como os transeuntes são abordados que um olhar metafórico pode ser lançado sobre o que “hoje se queira dizer quando se trata de teorizar o que se possa entender em geral por fronteira” (Canclini, idem, p. 141).

Mantidas as devidas proporções, residentes brasileiros em Guajará-Mirim também trabalham no outro lado da linha, particularmente os mais jovens, empregados no mais das vezes em estabelecimentos comerciais. Observa-se, ainda, um movimento de consumidores brasileiros que se beneficiam dos preços muito competitivos de mercadorias as mais variadas vendidas em Guayaramerin. Não fossem as restrições impostas pelo governo brasileiro, e certamente empresários brasileiros, notadamente os ligados às atividades de hotelaria, bar e restaurante estariam adquirindo no país vizinho bens necessários aos seus empreendimentos. A aceitação da moeda nacional e uma certa facilidade de comunicação também contribuem para o fluxo de brasileiros. A fronteira, assim, reveste-se de um caráter a um só tempo singular e diverso. É ela fronteira cultural. De um e de outro lado, observa-se um deslocamento em direção à

outra cultura. Interculturalidade? Hibridismo?

Stuart Hall, assim como Homi Bhabha, mostra que os hibridismos culturais são, de um lado, uma força criativa, porta para um novo mundo e, de outro, articulações sociais empreendidas pelas minorias, de negociação complexa. Isso não significa dizer que estejam isentos da violência e da vitimização (Hall, 2011. Bhabha, 2010). É interessante que ambos fazem referência a *Os Versos Satânicos*, romance do iraniano Salman Rushdie sobre a migração, o Islã e o profeta Maomé, para apontar que a construção híbrida advém de “novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, políticas, filmes, músicas” (Hall, apud Rushdie, 2011). É a celebração da impureza, da mistura, da transformação.

A essa altura parece recomendável assinalar que Guajará-Mirim  ponto de encontro de inúmeras culturas. Do ponto de vista de uma imigrao estrangeira, o destaque fica por conta dos bolivianos, dos srio-libaneses e dos gregos. Quanto aos imigrantes nacionais, há uma multiplicidade, destacando-se os amazônicos e nordestinos. Como não poderia deixar de ser, há “gauchos”. Não ficam de fora do cadinho cultural os povos indígenas, a exemplo das etnias Oro-dao e Oro-wari. Esse caráter multicultural da cidade está expresso na culinária, nos nomes dos estabelecimentos comerciais, nas expressões e no sotaque dos falantes.

Quanto  relao com a cultura boliviana propriamente dita, chama a ateno o uso do espanhol para nomear algumas lojas, casos como a “La Chapaquita” e a “Mobiliadora Bolívar”, e mesmo pousadas, como a “Las Gardnias”. Também  frequente em alguns bares constar no cardápio um tipo de pastel, mais massudo que os convencionais, de origem boliviana: a saltenha. Uma casa especializada nessa iguaria, denominada Saltenharia, funciona na cidade, refletindo um deslizamento cultural forte.

### **A fronteira pelo olhar do jovem guajaramirense**

Durante trabalho de campo em Guajará-Mirim, quando se estava avaliando sua paisagem, foi estabelecido contato com uma turma de 2o ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Simón Bolívar. Naquela ocasião, 10 de fevereiro de 2011, buscava-se obter uma descrio do que seja fronteira na perspectiva dos jovens



estudantes, de forma a compor um cenário da pesquisa, qual seja, identidade e cultura guajaramireNSE.

O Simón Bolívar pode ser considerado um colégio de grande porte, dispondo de diversas instalações, além das salas de aula. Ocupando uma quadra inteira na região central da cidade, disponibiliza aulas para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, para o Ensino Médio, além de Educação de Jovens e Adultos. Edificado na década de 1960, seu projeto arquitetônico representa o momento histórico vivido por Rondônia e pelo país, sem deixar de significar o projeto de uma pedagogia moderna, que remonta às primeiras décadas do século XX.

A escolha do colégio pautou-se no seu acesso, relativamente fácil, e na certeza de que os alunos são oriundos dos mais variados pontos da cidade<sup>3</sup>.

Inicialmente, convém situar a turma que prestou os depoimentos: mista, idade em redor dos 16 anos, multiétnica. Inseridos na *cultura jovem*, lidam com saberes, crenças e valores que circulam não apenas no grupo da sala de aula, como noutros espaços. Portanto, falaram de seus lugares de alunos, de jovens, enquanto guajaramirenses e moradores da fronteira.

O *corpus* em questão é constituído de 13 descrições de fronteira. Sua análise não se deu de forma exaustiva, e foram considerados os trechos mais significativos dos depoimentos.

Os depoimentos, por sua vez, foram produzidos em uma das salas de aula do colégio, no turno da tarde. No dia que antecedeu o encontro com os jovens estudantes, a direção do colégio foi inteirada das finalidades da pesquisa e dos procedimentos de constituição do *corpus*. Ficou acertado que a obtenção das descrições ocorreria no horário da aula de Artes.

A sala de aula onde o trabalho transcorreu tem capacidade para cerca de quarenta estudantes. Naquela tarde, os alunos, num total de 18, encontravam-se distribuídos de forma bastante irregular. Boa parte se concentrava nas laterais e ao fundo da sala. Se de um lado a professora se mostrou receptiva e interessada, o

---

<sup>3</sup> Guajará-Mirim encontra-se situada em terreno cuja litologia é predominantemente formada por sedimentos argilosos, arenosos e cascalhos. Sua topografia é plana, característica da Depressão do Sul da Amazônia. Nesse particular, o trânsito de bicicletas é altamente favorável, até porque o município não conta com um serviço de transporte coletivo. Assim, os alunos do Simón Bolívar são identificados através do uniforme, em pontos relativamente longínquos da escola, revelando que sua origem geográfica é dispersa no município.

mesmo não pode ser dito em relação à turma. Foi necessário um certo tempo para gerar um clima de mínima confiança. Nesse aspecto, a atividade soava um tanto quanto artificial. Até porque os jovens tiveram que se expressar por escrito, o que fazia lembrar uma aula de redação. Além disso, houve a necessidade de explicar repetidas vezes o que deveria ser feito e em dados momentos as conversas paralelas intervinham no desempenho dos alunos, corroborando, em alguns casos, para o desinteresse da parte de alguns estudantes. Ao fim e ao cabo, contudo, todos elaboraram uma descrição a partir da ideia de fronteira.

Os resultados foram diversos: "mensagens telegráficas" de tão curtas e objetivas que foram algumas descrições; textos esvaziados de conteúdo; depoimentos ricos, expressivos. Pode-se dizer que, a partir da categoria fronteira, os estudantes deixaram transparecer elementos vários para uma análise na perspectiva da interculturalidade e do dialogismo: forças centrípeta e centrífuga; distanciamento e estranhamento; excedente de visão e acabamento do outro; duplicação cultural e construção híbrida.

As falas dos jovens estudantes pode se prestar para uma gama de finalidades. Por ora, está possibilitando observar suas concepções de fronteira, além de tratar do movimento intercultural em que os sujeitos da pesquisa aparentam se encontrar. Ou melhor, que suas falas permitem reconhecer. São eles: a duplicação cultural; a construção híbrida; e a exotopia. Esses momentos são comentados a seguir com base em Janzen (2005).

No primeiro momento, ocorre uma empatia: uma perspectiva e mesmo uma apreciação das coisas pelo ponto de vista do outro. De certa maneira, diz respeito à projeção de sua própria personalidade na personalidade do outro, a fim de entendê-la melhor. Trata-se, ainda, de uma repetição do discurso do outro. Sendo assim, envolve as estratégias adotadas para se aproximar do outro.

O segundo momento, o da construção híbrida, observa-se uma voz com dois estilos, ou melhor, duas visões de mundo, a sua e a do outro.

Por fim, o acabamento do outro ou exotopia. É um estar de fora cultural; o outro me vê onde o própria olhar não alcança; ele me vê assim, como eu mesmo não me vejo.

Convém salientar que cultura e linguagem encontram-se fortemente imbricadas. As palavras, as expressões, trazem as marcas socioculturais da família, do grupo, da nação que as produziu. O mesmo deve ser dito em relação ao contexto histórico e à visão de mundo dos múltiplos grupos sociais: seus respectivos universos de valores somente adquirem sentido quando são remetido a um e a outra (Janzen, 2005).

Sendo assim, a voz discursiva com a qual se está trabalhando se refere à do jovem brasileiro, vivendo em região de fronteira. Mais do que isso, ela se encontra na primeira pessoa, o que implica em um controle sobre as outras vozes, seja a dos bolivianos, dos próprios brasileiros, ou dos traficantes, dos policiais, dos bandidos.

Feitas essas considerações, resta comentar que os jovens, embora identifiquem-se como brasileiros, ainda assim são “multifacetados”, isto é, possuem “n” culturas. Essa observação se faz necessária para que os discursos dos jovens não sejam tomados como um bloco monolítico, como se aqueles jovens guardassem laços culturais tão somente com grupos culturais nacionais. Embora não se tenha criado qualquer espaço para que eles manifestassem suas múltiplas conexões culturais, e que a questão que lhes foi proposta – o que é a fronteira – os tenha feito expressarem, mesmo que em variados graus, sua identidade nacional, nada assegura que eles não possam identificar-se com grupos culturais situados em outros países e que constituem outras nações que não a brasileira. Isso faz parecer que os encontros culturais de fato não respeitam as fronteiras, que existe, sim, uma mobilidade das fronteiras culturais.

Primeiramente, estão sendo expostos aspectos do movimento intercultural dos jovens estudantes. Considerando que não há uma cultura unitária, uma identidade monolítica, tampouco há um discurso unitário, homogêneo, que flua sem conflitos. Ao contrário, existe um grupo de forças discursivas e culturais que conflitam entre si. Se de um lado ocorre um movimento que desloca o discurso para o centro, ou seja, a manifestação de uma força centrípeta, de outro verifica-se um movimento para fora, uma força centrífuga no sentido bakhtiniano dos termos (Janzen, 2005). Nesse contexto o encontro dos discursos sobre o outro e a fronteira na voz dos jovens estudantes mostra-se muito rico.

## **Uma fronteira fluida, porosa, permeável**

Para parte dos jovens depoentes, a fronteira é *boa de se fazer*, pois em território boliviano pode-se fazer compras, conhecer outras pessoas e uma outra cultura, passear, entreter-se. A cidade vizinha, ou melhor, a Bolívia também é apresentada como algo ruim, negativo, em razão do narcotráfico, da prostituição, do roubo. Revelam, com isso, um movimento duplo, de aproximação e afastamento do outro, da outra cultura. Ver falas (I), (V), (VI) e (IX), no apêndice.

*Uma fronteira também caracterizada pela segregação...*

Embora nessas falas prevaleça uma perspectiva binária de fronteira e a cultura do outro até seja valorizada, a questão do preconceito e do racismo é mencionada nas falas de alguns jovens. É o caso dos depoimentos (I), (V) e (VI). Apesar de ficarem circunscritos à maneira como os bolivianos se vestem e à sua alimentação, demonstram que há certa dificuldade em realizar um movimento na direção do outro, de se aculturar, o que não deixa de ser um indicativo do quanto se está apegado a uma identidade, especialmente no depoimento (I).

## **Fronteira e força centrípeta**

A associação entre fronteira e submundo está presente nos discursos (I), (VI), (VII), (VIII), (IX) e (X). O desconforto e o incômodo demonstrados em (IX) – “ruim porque nossa cidade fica conhecida como a entrada fácil de drogas para o resto do Brasil” – parece demonstrar que há um outro interlocutor. Nesse caso, para quem, de fato, esses jovens estão falando? Quem seriam os ouvintes concretos? Essa multivocalidade sugere, reclama por aquilo que é negado, oferecido parcialmente, qual seja, filtros sobre os fluxos humanos. Duplicação da fala da classe dominante, dos políticos localizados no poder, porém distantes da fronteira? Contudo, é na fala (X) que a indicação deixa transparecer a produção de uma força centrípeta, isto é, o discurso de autoridade, o ponto de vista do poder oficial. Um discurso que reveste a fronteira de um caráter legalista, de controle, espaço da lei e da ordem, “espaço sacralizado do Estado”. Aponta na direção de uma visão moderna de fronteira, ao mesmo tempo em que a enxerga como inoperante, incapaz

de exercer as funções de separação, de distinção. Esse contexto de uma fronteira violenta, de terra de ninguém, por outro lado, parece ser solo fértil para o preconceito e a construção de estereótipos. Cumpre salientar que a normatização e a regulação também são de ordem cultural. Considerado como discurso homogêneo, é excludente.

### **¿De que lado estás?**

Nos discursos (II), (III), (XI) e (XII), as concepções de fronteira são reveladas sob uma outra ótica, diferentemente das percepções binárias de bom/ruim, moderna/pós-moderna. Em (XI), a fronteira é, simultaneamente, separadora e unificadora das pessoas dos países. Embora haja uma oposição binária, reconhece-se um movimento na direção da outra cultura, a curiosidade é mobilizadora do movimento. Em (XII), a fronteira é sinônimo de integração, ultrapassando as diferenças. Ao conceber a região transfronteiriça como uma forma de beneficiar os dois países, revela um movimento de exotopia, de acabamento do outro, em que lhe é possível enxergar o outro como ele mesmo não se vê. Em (III) também a percepção da fronteira não é tratada como divisão: “é uma coisa diferente, mais que no normal”. Ou seja, é marcada pela dinâmica dos fluxos transfronteiriços. Não é concebida como uma linha traçada nos mapas... Por último, o depoimento que faz lembrar a interpretação de Canclini na fronteira Tijuana - San Diego, nos Estados Unidos, em que interpreta uma obra de arte, na realidade um Cavalo de Tróia bicéfalo, e acaba por tomar a fronteira como uma metáfora. O jovem que prestou o depoimento (II), ao afirmar que “uma das primeiras imagens é a vista que se vê quando se está lá ou cá” sugere a mesma pergunta de Canclini: ¿De que lado estás? Ou seja, não representou uma dualidade, não estabeleceu uma oposição binária. Seria, ele, o jovem, o cavalo bicéfalo?

### **À guisa de conclusão**

Bourdieu (2008) nos faz ver que escolas e conjuntos habitacionais são lugares difíceis de descrever e de pensar. A fronteira também pode ser incluída

nesse rol. Isso porque certa concepção moderna já se encontra cristalizada e permanece sendo veiculada e representada pela imprensa sensacionalista, que gera imagens simplistas e unilaterais. Também a escola, os livros didáticos, reproduzem um viés estatal ou, quando muito, seu oposto binário pós-moderno. Nesses casos, quanto mais distante se forma o ponto de vista a respeito da fronteira, mais estereotipada é a sua imagem. E os estereótipos ganham forma sobretudo a partir dos donos do poder, isto é, de políticos que buscam projeção na mídia explorando o narcotráfico, os sequestros, a bandidagem, a prostituição, o tráfico de armas, o roubo de automóveis e motocicletas, as transferências de cargas furtadas. A fronteira é periferizada, colocada onde, segundo essa ótica, deve ser o seu lugar: à margem. Convertida em terra de ninguém e até mesmo em zona cinzenta, é prontamente associada ao crime organizado.

Contudo, quanto mais próximo da região transfronteiriça, maior é a possibilidade de se olhar para sua realidade segundo perspectivas que dispensam não apenas as concepções moderna e pós-moderna de fronteira, mas, e sobretudo, as imagens estereotipadas que seguem coladas a tais concepções. Uma perspectiva cultural da fronteira, que considere os fluxos transfronteiriços e os encontros de múltiplas culturas foi o caminho escolhido. E foi essa a leitura que se buscou realizar da fronteira na região de Guajará-Mirim, em Rondônia.

Buscando trilhar os caminhos da pesquisa qualitativa, foram colhidos depoimentos de jovens estudantes do Ensino Médio na cidade supra citada. Suas falas foram lidas à luz da interculturalidade, possibilitando, a partir da questão “o que é a fronteira?”, interpretar suas concepções a esse respeito e reconhecer momentos do movimento intercultural realizado pelos jovens, sujeitos da pesquisa. Embora os depoimentos tenham sido tomados por escrito, sem que houvesse interação, por exemplo, na forma de um questionamento que levasse o sujeito a rever seu ponto de vista ou explicitá-lo melhor, ainda assim os resultados foram, pode-se dizer, surpreendentes. A oposição binária bom/ruim quando se referia à fronteira, não deixou de ser uma reprodução de um discurso que se volta para o centro, movido por forças centrípetas. Contudo, também expressavam certa indignação com o preconceito manifestado contra os bolivianos. Nessa altura, os jovens estão se colocando do lado de fora, esvaziando o estranhamento cultural e redefinindo as fronteiras culturais. Essa

postura se constrói na escola ou na relação com o outro? Consequentemente, suas concepções de fronteira acabam contemplando elementos interculturais, permitindo reconhecê-la não mais como uma periferia e sim dotada de uma centralidade.

Resta dizer que as falas dos jovens reforçam que a escola é um espaço onde circulam culturas diversas, a jovem inclusive. É a escola um espaço multicultural, de encontro de culturas. E assim o sendo, seus alunos são portadores de um conhecimento que se mostra passível de ser convertido em objeto de estudo nos mais variados campos. Destarte, espera-se que o presente trabalho possa representar uma contribuição, ainda que singela, e de forma inconclusa para os estudos de fronteira. A escola, que para tantos é situada à margem dos processos de produção do conhecimento, possui, também, uma centralidade. Quer parecer que os depoimentos dos jovens reafirmam essa posição e reforçam um convite para que suas fronteiras sejam ultrapassadas, à semelhança de um encontro de culturas, de conhecimentos, de vivências socioespaciais.

## REFERÊNCIAS

- AUGUSTIN, G. Literatura intercultural. XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. 5.reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- BORDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CANCLINI, N. G. ¿De qué lado estás? Metáforas de la frontera de México-Estados Unidos.
- In: GRIMSON, A. (Comp.). **Fronteiras, nacionais e identidades**. Buenos Aires: Ediciones Cíclus, 2000. p.139-151.
- CANCLINI, N. G. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997. p.283-350.
- CASTRO, T. **Atlas-texto de geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Capemi Ed., 1981.

- GUIGOU, L. N. Acerca de fronteira, nominaciones y efectos teóricos. In: RODRIGUEZ, J. E.B., GUIGOU, L. N. **Fronteras, diálogo e intervención social en el contexto pan-amazónico**. Manaus: EDVA, 2004. p.61-67.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- JANZEN, H. **O Ateneu e Jakob von Gunten**: um diálogo intercultural possível. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado) – FFLCH-USP.
- KRUKOSKI, W. R. M. **Fronteira Brasil-Bolívia**: região do Rio Mamoré, onde se encontra a “ilha de Guajará-Mirim” (Isla Suárez para os bolivianos).2008.
- MAGNOLI, D. **O que é geopolítica**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MATTOS, C. M. **Geopolítica e teoria de fronteiras**: fronteiras do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- RAIBAUD, Y. **Géographie socioculturelle**. Paris: L'Harmattan, 2011.
- RUIZ, O. **O ir e vir**: as relações fronteiriças (México e EUA). Olho da História n.3. In: [http: www.oohodahistoria.ufba.br/ruiz.html](http://www.oohodahistoria.ufba.br/ruiz.html) Acessado em agosto de 2010.
- RUSKIN, J. **A lâmpada da memória**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

## APÊNDICE

### (I)

Fronteira... Bom, significa algo bom e ruim.

O bom é que com o país vizinho, há muitos lugares para ir, é um ponto turístico, de lazer onde pode-se andar e comprar, pois todas as coisas são muito baratas. Mas como tudo na vida, há coisas ruins, como roubos que acontecem aqui em Guajará-Mirim e muitas das vezes os objetos roubados vão para lá e não tem como recuperar. O uso de drogas é muito grande que acontece tanto aqui quanto lá, e um dos maiores “problemas” é a prostituição, tanto de meninas ou meninos maiores de idade, quanto prostituição infantil, a pior de toda na minha opinião. Meninas e meninos que por algo fogem de casa e vão morar na Bolívia ou mesmo ao contrário.

Mas há um sério preconceito com a Bolívia com as pessoas, as comidas. As pessoas só por se vestirem diferentes são vistas como questão para rir mas temos



que aprender que todas as pessoas são diferentes uma das outras e temos que respeitar elas com suas diferenças. As comidas eu confesso que é raro eu comer. Bom as comidas são muito diferentes das daqui por isso temos receio de comer.

Mas a fronteira e muito legal.

*Anônimo(a)*

**(II)**

[...] Mas há muito mais que isso. Uma das primeiras imagens é a vista que se vê quando se está lá ou cá. É tudo muito diferente, e por isso é bom. Porque ao atravessar a fronteira você não só está em um outro país, mas também está num lugar que a cultura é diferente. [...] É tudo meio intenso, é a base da cultura, que é copiada e mostrada para os que a desconhecem.

*G. (15 anos)*

**(III)**

[...] Mas não é uma divisão de países, é uma coisa diferente, mais que no normal.

*C. R. R. (15 anos)*

**(IV)**

É bom conhecer outra cultura, outra língua, outras pessoas. A cultura da Bolívia é muito diversificada. O que mais chama a atenção é a língua: o povo boliviano fala muito rápido e eles entendem uns aos outros. A maneira como eles se vestem chama bastante atenção. Algumas mulheres usam vestidos longos e tranças no cabelo. Outras usam roupas como nós, brasileiros.

*T. G. L.*

**(V)**

Fazer fronteira com outro país é bastante interessante, pois tem a parte boa e a parte ruim. A parte boa é que eu posso estar em outro país em questão de minutos (muito bizarro).

[...] às vezes ainda existe o preconceitos contra os bolivianos. Isso é bem difícil. Também não esquecendo de citar uma vantagem: a faculdade boliviana tem muitos brasileiros. Assim se quebra um pouco do preconceito, mas como eu disse no início, é interessante e prazeroso morar em uma cidade fronteira.

S. C. N. C

**(VI)**

A fronteira para mim é uma coisa boa, e por outro lado, ruim. Pelo lado bom a fronteira faz com que muitas pessoas viagem, *fazem* a fronteira para passear, fazer comprar e outras coisas mais. Pelo lado ruim, a fronteira traz muitos benefícios para o contrabando, pessoas que matam, fogem com muita facilidade. [...] Com a fronteira na cidade eu não vejo muito racismo, o que eu mais vejo é outras pessoas do outro lado cruzando para vender suas mercadorias. Muita gente faz isso.

I. C.

**(VII)**

Acontece muitas coisas: tráfico de drogas, de armas, trocas de tiros com policiais e bandidos. Muitos menores vão para se prostituir e trabalhar com mercadorias ilegais.

J.

**(VIII)**

[...] Os bolivianos roubam daqui de Guajará e levam para o outro lado (Guayará); para que possam ser vendidos e também ser colocados para alugar para os turistas.

M. ° (15 anos)

**(IX)**

[...] Por um lado é bom ser fronteira com outro país, por outro lado é ruim porque a nossa cidade fica conhecida como a entrada fácil de drogas para o resto do Brasil.

C. (16 anos)

**(X)**

Esse rio que separa nosso país da Bolívia, para mim não significa nada porque no meu pensamento eu achava que iria dificultar um pouco mais o tráfico de transportes roubados e o de drogas. Mas isso não atrapalha nem um pouco esses bandidos. Cada dia cresce mais o envolvimento de brasileiros com o tráfico boliviano, levando à morte de brasileiros.

*C. O. M. (16 anos)*

**(XI)**

Fronteira não é só um separador ou um divisor de pessoas, mas também uma forma de nos ligarmos mais com o nosso país vizinho, que é a Bolívia, de saber, de aprender o que ela ensina de bom. Pois se algo nos separa, ficamos curiosos de saber o que existe do outro lado do rio e o que vamos encontrar num país que não conhecemos.

*R.*

**(XII)**

A fronteira vai além das diferenças, é uma forma dos países serem mais unidos. É uma forma de benefícios, não só pra um país, mas como bem comum. E a fronteira é um ato de diferença, cultura diferentes.

*G. (16 anos)*

**(XIII)**

Fronteira não é só uma linha imaginária. [...] Também a cultura boliviana é muito interessante. Há muitos pratos típicos da região, por exemplo, o massaco. O massaco é banana com carne, realmente muito bom.

*J.*